

REFLEXÕES SOBRE SABERES E PRÁTICAS EM SAÚDE AMBIENTAL A PARTIR DO DOCUMENTÁRIO *BOCA DE LIXO*

Sergio Ferreira de Menezes

Ana Júlia Calazans Duarte

Mostramos nesta resenha como a discussão de um documentário pode contribuir para levantar questões do mundo laboral, num contexto que relaciona saúde e ambiente. Trata-se do filme *Boca de Lixo*, de Eduardo Coutinho, de 1992. Encontramos nessa produção a oportunidade para refletir sobre uma formação profissional em saúde voltada para a realidade socioeconômica e cultural do país e, sobretudo, compromissada com a qualidade de vida e com princípios ético-ambientais. Essas preocupações dão origem à experiência de utilizar recursos fílmicos de forma que mobilizem alunos e docentes em discussões sobre o mundo do trabalho ou, como diria Frigotto, sobre “a dupla face do trabalho: criação e destruição da vida” (Frigotto, 2002, p.11).

Inicialmente, é preciso contextualizar em que momento os conteúdos sobre concepções teórico-conceituais e práticas que cobrem a delicada e complexa relação entre trabalho, saúde e ambiente foram abordados. Havia uma preocupação com a abrangência da temática na formação técnica em Vigilância Sanitária e Saúde Ambiental, motivo pelo qual foi preciso pensar em estratégias para desenvolver tais conteúdos de acordo com a carga horária prevista.

Encontramos no referido documen-

tário uma oportunidade para abordar tais questões, facilitada pela riqueza do roteiro e até pela ousadia da produção, realizada num lixão no município de São Gonçalo/RJ. A câmera, por inúmeras vezes, passeia no meio de restos, seringas, urubus e outros animais que se alimentam e, é aí mesmo que nos deparamos com as histórias e visões de mundo das pessoas que – surpreendentemente para nós, habitantes privilegiados das cidades – convertem esses materiais em insumo, consumo e sustento. Nossa abordagem privilegiou o tratamento da totalidade, do contexto, mesmo que com enfoque nas partes. Diríamos, a título de exemplo, que ao apontar as questões de saneamento ambiental no vídeo, estas foram relacionadas com questões tais como política, tecnologia e desenvolvimento direcionado para a melhoria da qualidade de vida.

O cineasta Eduardo Coutinho conduz de modo extraordinário a produção cinematográfica ao buscar compreender o indivíduo, o coletivo e o ambiente social. O respeito pelo depoimento sem juízo de valor, mesmo diante das falas e relatos contraditórios, é o seu forte. De forma muito atraente, a filmadora entra e sai, sem ser percebida, favorecendo o tempo de escuta dos próprios personagens,

acrescido para o espectador de um apropriado arranjo musical.

O documentário apresenta relatos do cotidiano dos homens, mulheres e crianças significados pela resistência e pela esperança, visível e invisível, seres que vivem na insegurança resultante das condições socioeconômicas presentes e que, conforme Yazbez, “em teimosa persistência, constroem e organizam seu cotidiano e se inserem na vida social mais ampla, partilhando do processo urbano e participando de um contexto social unificado pela expansão capitalista” (Yazbez, 1993, p. 28).

A película promove, além de imagens, a oportunidade de fala e de escuta daqueles que, como muitos outros em nosso país, são excluídos e invisíveis à sociedade. Coutinho possibilita espaço e tempo de liberdade de expressão de cunho individual e coletivo. Dentro do lixo, que culturalmente é concebido como tudo que não tem serventia, brotam palavras, gestos e valores veiculados em imagens de integridade, solidariedade e razão de viver. Enfim, encontramos nesse documentário o contraditório mundo (sub)desenvolvido, ao expor acima de tudo, a vida de brasileiros esquecidos, sem transformar o palco e as figuras em espetáculo.

O filme, nos últimos anos, foi analisado por alunos da habilitação em Vigilância Sanitária e Saúde Ambiental da Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, com foco nas temáticas: trabalho sem visibilidade, desigualdade e exclusão social, consumo exacerbado de produtos e serviços, exposição de riscos e agravos à saúde, trabalho do menor, sustentabilidade ambiental, ausência de políticas públicas e, por fim, as condições

de vida de determinadas comunidades, numerosas em todo o país que, por meio dos dejetos da abundância de poucos, gera a sobrevivência de muitos.

Na formação em saúde é preciso discutir, sobretudo, questões do sistema econômico que desencadeiam, simultaneamente, o processo de conquista, devastação e esgotamento dos recursos, em contraponto à capacidade de recuperação da natureza, conduzindo a graves modificações ambientais que comprometem a vida.

“O ambiente não é a ecologia, mas a complexidade do mundo; é um saber sobre as formas de apropriação do mundo e da natureza através das relações de poder que se inscreveram nas formas dominantes de conhecimento” (Leff, 2001, p.17).

Destacamos dois eixos que constituíram o alicerce de nosso trabalho docente, visando o desenvolvimento das referidas temáticas de forma interdisciplinar:

a) *O desenvolvimento (in) sustentável e a questão ambiental*: A expansão do capital em nível mundial (conhecida por globalização) a partir dos anos de 1970, aliada a transformações tecnológicas e sua intensiva aplicação vem induzindo mudanças no mundo do trabalho e na relação homem-ambiente. Assim sendo, os mercados globalizados, a competitividade e os avanços tecnológicos trazem novos desafios, seja no campo ambiental, na qualidade de vida, seja no nível de emprego. Nesse contexto de produção e desenvolvimento capitalista têm se originado tendências perversas para a força de trabalho que, além de

contribuir com o desemprego, criam subemprego e trabalho precário, expondo o homem a condições animais de vida e exclusão

social. Contraditoriamente, vemos que umas das principais características da sociedade moderna é o consumo de mercadorias, bens e serviços. Esse hábito, necessariamente, não está condicionado a escolhas livres e conscientes, mas a um sistema controlado por uma organização social. Com essa visão, argumenta Rosenfeld (2000) “a ideologia do consumo transforma as coisas e as pessoas em objetos de compra, mascara as diferenças entre vários segmentos da sociedade e simula a igualdade entre todos” (Rosenfeld, 2000, p.16).

b) O resíduo – Produção e alternativas tecnológicas: historicamente, os modelos de desenvolvimento adotados no Brasil priorizaram as questões econômicas, em detrimento das sociais, o que tem resultado no empobrecimento de parcelas significativas da população, gerado exclusão social e um processo de fragmentação e desordem do espaço territorial. Nos últimos vinte anos, o Brasil mudou muito e o seu resíduo também. Estima-se que sejam geradas, em média, 150 mil toneladas de lixo urbano por dia e apenas 65% seja coletado, sendo o restante descartado, em logradouros públicos, terrenos baldios, encostas e cursos de água ou permanecendo junto a habitações. Cerca de 11% de todo lixo coletado no país tem tratamento correto, do ponto de vista sanitário. Um agravante para essa situação é que os lixões, em sua grande maioria, se encontram saturados e novos terrenos adequados para a disposição do lixo são

cada vez mais raros e onerosos (Calderoni, 1998).

Jamais o homem produziu tantos resíduos como neste século e jamais teve tantos problemas diante dos quais precisa apresentar soluções. O volume de resíduos com que a humanidade tem de conviver é resultado também de novos padrões culturais impostos pela sociedade industrial.

Nesse sentido, reciclar é uma das palavras-chave para fazer voltar os produtos usados ao ciclo industrial, agrícola ou artesanal. Vários benefícios são conferidos à reciclagem: i) geração de empregos através da criação de indústrias recicladoras; ii) diminuição da quantidade de resíduos a serem aterrados (conseqüentemente aumento da vida útil de aterros sanitários); iii) preservação dos recursos naturais; iv) economia de energia; e v) diminuição da poluição do ar, do solo e das águas.

Isso é válido especialmente para o plástico – associado ao descobrimento do aproveitamento do resíduo da indústria do petróleo – , que começou a ser utilizado há quase 50 anos, passando a ser produzido em larga escala nos últimos 20 anos.

Nesse sentido, a discussão do documentário possibilita reconhecer as implicações da produção de resíduos na sociedade de consumo e para os personagens, trabalhadores sem identidade no mundo do trabalho, que sobrevivem dentro do submundo presente em várias cidades. As imagens nos remetem à reflexão: podemos pensar no lixo ou resíduo como insumo de produção e trabalho necessário para a vida? Qual a representação de trabalho para esses sujeitos? Aproxima-se mais do “*tripalium*” (instrumento utilizado para

tortura) ou de uma concepção mais positiva de “labor”? Qual a relação entre risco ambiental, desenvolvimento humano e condições de saúde que esses trabalhadores percebem ao conviverem no ambiente do lixo?

Ao longo do filme vemos o lixo - resultante da inutilidade, do excesso de consumo e até do desperdício dos homens -, considerado como fonte de alimento, de renda, de trabalho e de sobrevivência. A exploração do homem, apresentada em vários aspectos, constitui-se na falta de oportunidades, de educação, de renda, de saúde pública e condiciona o trabalho sem salário, sem direitos, em um cenário desalentador diante das riquezas do país.

Momentos marcantes do documentário merecem destaque. Um deles é a conversa com o Sr. Enok, de setenta anos de idade e admirável lucidez, quando fala das suas experiências de trabalho, como as dificuldades e riscos do trabalho com o lixo, embora tenha convicção do cotidiano e rotina para todos que dele dependem. Conhecedor da importância do lixo como fonte de energia e do ciclo da vida, comenta que “o lixo faz parte da vida”; e complementa, “ele é o fim e o início”.

Nesse sentido, acredita-se que a formação de trabalhadores associada ao uso de tecnologia educacional, nesse caso um filme, potencializa a capacidade do aluno de refletir criticamente sobre os problemas socioambientais, ao mobilizar experiências anteriores em suas múltiplas dimensões – econômica, histórica, biológica e geográfica. Como evoca Porto-Gonçalves

“a decisão haverá de ser, sempre, política, por mais que se convoquem – o que sempre será feito – os cientis-

tas, e não somente eles, para ajudar a formar a opinião necessária para a tomada de decisão” (Porto-Gonçalves, 2004, p. 51).

E, sobretudo, quando trabalhamos com educação estamos almejando um projeto societário que seja transformador dessa realidade de exclusão em que se vive, no qual o novo possa ser “comprometido com valores de cidadania plena, implicando a crítica aos padrões de produção e consumo, no desenvolvimento de tecnologias que não degradem o meio ambiente, de forma a ampliar a qualidade de vida e a dar significado à existência humana” (Trein, 2002 p. 66).

Referências

- CALDERONI, S. *Os Bilhões Perdidos no Lixo*, 2a edição. São Paulo: Humanitas Editora / FFLCH. USP, 1998.
- FRIGOTTO, G. A dupla face do trabalho: criação e destruição da vida. In: *A experiência do trabalho e a educação básica*. Frigotto G. e Ciavatta M. (orgs.). Rio de Janeiro: DP&A, 2002, pp. 11-27.
- LEFF, E. *Epistemologia Ambiental*. São Paulo: Cortez, 2001.
- PORTO-GONÇALVES, C. W. O desafio ambiental. In: Sader, E. (org.) *Os porquês da desordem mundial*. Mestres explicam a globalização. Rio de Janeiro: Record, 2004.
- ROSENFELD, S. (org.) Fundamentos da Vigilância Sanitária. In: Rosenfeld, S. e Costa, E. A. *Constituição da Vigilância Sanitária no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2000, p. 15-40.
- TREIN, S. E. Projetos de desenvolvimento em disputa. Reflexões sobre a questão ambiental e os limites do modelo fordista de produção. In: Frigotto, G. e Ciavatta, M^a. *A experiência do trabalho e a educação básica*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002, p. (57-67).

YAZBEK, M. C. *Classes subalternas e assistência social*. São Paulo, Cortez Editora 1993.

Sergio Ferreira de Menezes é doutorando no Programa de Ensino de Biociências e Saúde do Instituto Oswaldo Cruz/Fiocruz.
E-mail: smenezesvr@gmail.com

Ana Júlia Calazans Duarte é professora-pesquisadora da Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio e mestre em Ensino de Biociências e Saúde do Instituto Oswaldo Cruz/Fiocruz. E-mail: anajulia@fiocruz.br